EDICASE digital

VESTIBULARES e CONCURSOS PONTUAÇÃO

Pontuação VESTIBULARES e CONCURSOS

ATUALIZADO COM A REFORMA ORTOGRÁFICA

TEMAS QUE MAIS CAEM NOS EXAMES!

- Ponto
- Ponto de Interrogação
- Ponto de Exclamação
- Vírgula
- Ponto-e-Vírgula
- Dois Pontos
- Aspas
- Reticências
- Parênteses
- Colchetes
- Travessão
- Exercícios
- SIMULADO

PONTUAÇÃO

EdiCase
Gestão de Negócios

Direção Geral
Joaquim Carqueijó

Gestão de Canais Impressos
Vanusa Batista e *Wellington Oliveira*

Gestão de Canais Digitais
Clausilene Lima e *Sergio Laranjeira*

Gestão Administrativa Financeira
Elisiane Freitas e *Vanessa Pereira*

Distribuição Nacional em Bancas, Livrarias, Supermercados e Varejo







Publisher
Joaquim Carqueijó

Coordenação de P.C.P.
Vanusa Batista

Direção de Arte
Tami Oliveira | be.net/tamioliveira

Design
Julio Cesar Prava | be.net/juliocesarprava
Lais Magalhães | be.net/laismagalhaes8

Vestibulares e Concursos Ed.08
7.908.182.018.949

Chefe de Redação
Matilde Freitas (MTB 67769/SP)

Redação
Laleska Diniz

Atendimento ao Leitor
Redação
atendimento@caseeditorial.com.br

Edições Anteriores
loja.caseeditorial.com.br

Vendas no Atacado
(11) 3772-4303 - ramal 209
vanusa@edicase.com.br

SIGA A GENTE NAS REDES SOCIAIS!



 /edicasepublicacoes
 /edicasepublicacoes
 /edicasepublic

ACESSE NOSSA LOJA EM

loja.caseeditorial.com.br

Produto Desenvolvido por:

IMAGENS ILUSTRATIVAS
Créditos:
Adobe Stock / Shutterstock

PRESTIGIE O JORNALEIRO
compre sua revista na banca

Editora Filiada



Membro Colaborador



Sobre o Mestre

Autor de diversos livros, com milhares de exemplares vendidos, Ademir Barbosa Júnior (Prof. Dermes) leciona Língua Portuguesa, Redação e Literatura desde 1991, com experiência do Ensino Fundamental à Pós-Graduação, tendo participado de bancas de vestibulares, processos seletivos e avaliações diagnósticas. Integrou diversos projetos e prestou assessoria na criação de disciplinas acadêmicas, em nível universitário. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), bacharel em Francês/Português, é professor universitário, tradutor, revisor e terapeuta holístico.

Contatos: prof.dermes@yahoo.com.br;
Orkut: Dermes; Blog: www.profdermes.blogspot.com

ÍNDICE

1. PONTUAÇÃO

Sinais que indicam pausas:
a) ponto (.);
b) vírgula (,);
c) ponto-e-vírgula (;).

Sinais que indicam melodia/entonação:
a) dois pontos (:);
b) ponto de interrogação (?);
c) ponto de exclamação (!);
d) reticências (...);
e) aspas (“ ”);
f) parênteses (( ));
g) colchetes ([ ]);
h) travessão (–).

Para este estudo, os sinais de pontuação foram organizados da seguinte maneira:

Ponto	Dois pontos
Ponto de interrogação	Aspas
Ponto de exclamação	Reticências
Vírgula	Parênteses e colchetes
Ponto-e-vírgula	Travessão

2. PONTO

(.) Ocorrência no final da frase a indicar conclusão total do pensamento. Exemplos:
Tenho certeza de que virão.
Já estive aqui outras vezes.
Ela sempre almoça às onze. Mas não é tão sistemática quanto parece. Tem horários apertados. Gosta de cumpri-los à risca. Na verdade, mesmo que não gostasse, elas os cumpriria: aprendeu assim com a mãe.
Amanhã não choverá.

Ocorrência em abreviaturas. Exemplos:

Sr.	D.
Cia.	VV. PP.
V. M.	V. S.

Observação:
Quando a abreviatura se encontra no final da frase, não há necessidade de outro ponto. Exemplos:
Trouxe o pai, a mãe, os antepassados todos, o cachorro, o gato etc.
Temos café quente, chá, sucos etc.
Sabemos que ele não gosta de consertar, limpar, envernizar etc.
Trouxe o presente para S. M.
Os livros foram doados por Alves & Cia.

Separação de casas decimais nos números, com exceção de indicações de ano. Exemplos: 233.796 / 467.892 / 1.468.932

Retornarei no ano 2020.
Nasci em 1972.
Ela nasceu em 1986.

REVISÃO: PONTO, ABREVIATURAS E PRONOMES DE TRATAMENTO

DESTINATÁRIOS/ INTERLOCUTORES	**PRONOMES**	**ABREVIATURAS E PLURAIS** (Observação: existem algumas variantes de abreviaturas apontadas; abaixo estão as formas mais comuns)
Príncipe, arquiduque, duque	Vossa Alteza	V.A. (VV. AA.)
Cardeal	Vossa Eminência	V. Em. ª , V. Em. ªs
Reitor de universidades	Vossa Magnificência	V. Mag. ª, VV. Mag. ªs
Rei, imperador	Vossa Majestade	V. M. (VV. MM.)
Abade, superior de convento	Vossa Paternidade	V. P. (VV. PP.)

Padre, pastor, sacerdote e religiosos em geral	Vossa Reverendíssima	V. Rev. ma., V. Rev. ªs, V. Rev. mas
Núncio, arcebispo e bispo.	Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. ª Rev.ma, V. Ex.as, Rev.mas
Papa	Vossa Santidade	V. S.
Pessoas íntimas	Você	V., v. (VV. vv.)
Pessoas de tratamento respeitoso	Senhor, Senhora	Snr., S.r, Sr., Srs., Sres., S.res
Funcionários públicos graduados, oficiais (até coronel), pessoas de cerimônia e em correspondências oficiais e comerciais quando "Vossa Excelência" não for adequado	Vossa Senhoria	V.S., V.S. ª , V. S.as, VV. SS., VV. S.as
Presidente da República (sempre por extenso), oficial acima de coronel, governador, ministro, senador, deputado, juiz de tribunal e demais autoridades civis. Em outras palavras, altas autoridades do Governo e das Forças Armadas	Vossa Excelência	V. Ex. ª, V. Ex.as, VV. Ex.as
Juiz de direito.	Vossa Meritíssima	

3. PONTO DE INTERROGAÇÃO

(?) Sinal utilizado em casos de interrogação direta, ainda que a resposta não seja necessária.

Ocorrência em casos de interrogação direta. Exemplos:
Qual delas?
Quem ficou de fazer o almoço?
Quem sou eu?
Para que estou aqui?
Onde fica esta rua?

Ocorrência em casos de dúvida, seguido de reticências. Exemplos:
Quem realmente a entende? ...
Sei a verdade? ...
Por que eu? ...
Tem certeza? ...

Ocorrência em casos de surpresa, ou sem resposta, seguido de reticências. Exemplos:
– Já foi fazer fofoca, hein?
– Eu?!
Ah, é você?! Entre, entre...

Observações:
Não se usa o ponto de interrogação em casos de interrogação indireta. Exemplos:
Conte-me o que aconteceu com ele.
Diga-me se é o momento adequado.
Conte-nos o que atormenta você.
Diga-me que horas são.

Em diálogos, utiliza-se o ponto de interrogação em casos de réplica, por vezes seguido do ponto de exclamação. Exemplos:
– Talvez eu não termine o semestre...
– ?!
– Acho melhor terminarmos o namoro!
– ?!
– Sim, não dará certo. Você fala muito no cinema... Eu gosto de acompanhar os filmes... Fica difícil...

– Sabe de uma grande novidade?
– Conte logo...
– Ah, não sei se conto...
– ?!

4. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

(!) Ocorrência após interjeições ou termos equivalentes, tais como vocativos intensivos e apóstrofes. Exemplos:
Piedade!
Misericórdia!
Socorro!
Oh céus!
Deus!
Mamãe!
Oh amor! Já te vejo!

Ocorrência após verbos no imperativo. Exemplos:
Venha!
Volte!
Vamos!
Não ande por aí!
Tenha paciência!

5. VÍRGULA

(,) Separação de objeto direto ou indireto antecipado e com objeto pleonástico. Exemplos:
Preocupações, quem não as tem?
Alegrias, quem as dará senão o Amor?
Complicações, ninguém as quer.

Separação de adjunto adverbial extenso e deslocado. Exemplos:
No interior do tempo, não havia toalhas.
De fome, ninguém morre nesta casa.

Separação de predicativo do sujeito deslocado com verbo transitivo ou intransitivo. Exemplos:
Triste, ele se afastou.
Os homens, desempregados, andam cabisbaixos.
Cansado, ele negou o pedido.

Separação de aposto explicativo. Exemplos:
Felipe, nosso diretor, compareceu ao evento.
Plínio Marcos, o grande dramaturgo, é uma referência para nosso grupo.

Separação de vocativo. Exemplos:
Todos, querida, confirmaram.
Venha cá, Márcio, e me traga boas notícias.
Jacqueline, você é muito especial para mim!

Separação de expressões explicativas e corretivas. Exemplos:
Gosto de você, ou melhor, amo você.
Não experimentou a maternidade, isto é, não teve filhos.
Não gosta de ler, ou melhor, nunca tentou.

Separação de nome de lugar antes de data. Exemplos:
Piracicaba, 02 de agosto de 1972.
São Paulo, 05 de março de 1990.
Londres, 08 de outubro de 1969.

Separação de elementos enumerados. Exemplos:
Temos café quente, chá, torradas, geleia e frutas.
Chamou os pais, os irmãos, os tios e os avós.
Disse impropérios, maldições, palavras em italiano e algumas invocações religiosas.

Indicação de verbo oculto. Exemplos:
Faço arte; você, malcriação.
Construo pontes; você, barreiras.
Faço castelos no ar; você, masmorras.
Gosto de salgados; minha irmã, de doces.

Ocorrência antes de oração subordinada substantiva apositiva. Exemplo:
Disse a verdade, que o amava.

Ocorrência antes de oração subordinada adjetiva explicativa. Exemplo:
Os dias, que são longos sem você, têm se repetido bastante.

Separação de oração subordinada adverbial deslocada. Exemplos:
Quando ela chegar, todos almoçaremos.
Todos, quando ela chegar, almoçaremos.

Separação de orações coordenadas assindéticas. Exemplos:
Vejo seus olhos, penso em mil coisas, não quero ir embora.
Leio o poema, penso em você, reescrevo nossa história.

Ocorrência antes de conjunção coordenativa. Exemplos:
Ela é bonita, mas antipática.

Observação:
Ocorrência antes de **e** e **nem** apenas em oração com sujeito diferente do da oração anterior. Exemplo:
Ele cantava, e os filhos nem olhavam.

Ocorrência antes de **mas também** e **como também** em correlação com não só. Exemplo:
Não só canta, como também dança.

6. PONTO-E-VÍRGULA

(;) Indicação de uma pausa maior do que a da vírgula e menor do que a do ponto. Exemplos:
Os meninos telefonaram; ela nem se mexeu.
Construo castelos nas nuvens; você, calabouços.

Separação de orações coordenadas adversativas e conclusivas com conjunção deslocada. Exemplos:
Amo você; fico, porém, inseguro.
Penso; existo, logo, com insistência.

Separação de orações que já comportam vírgula em seu interior. Exemplo:
Ela é muito intensa, viva, com iniciativas; gosta, desde menina, de desafios.

Separação de orações coordenadas com paralelismo ou contraste. Exemplos:
Pensa em viajar para o exterior; providenciou o passaporte.
Come doces compulsivamente; pensa em emagrecer.

Ocorrência no final dos itens de uma enumeração. Exemplos:
Elementos básicos da análise literária:

1. Forma;
2. Conteúdo;
3. Contexto;
4. Características de época;
5. Características do autor.

7. DOIS PONTOS

(:) Ocorrência antes do aposto explicativo ou enumerativo e antes de oração subordinada substantiva apositiva. Exemplos:
Tem um grande defeito: a vaidade.
Tem um grande segredo: duas mortes nas costas.
Todos confirmaram: André, Tiago, Lucas, Maria e Celina.
Tem um grande defeito: é muito vaidoso.

Ocorrência antes de citações. Exemplos:
Napoleão disse: "Homens há que governariam o mundo se governassem seus estômagos.".
Jesus afirmou: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.".
O professor perguntou: "Vocês confirmam a ida a São Paulo?".
Mamãe perguntou: "É sério mesmo?"

Ocorrência antes de explicação ou esclarecimento. Exemplos:
Papéis, canetas, clipes e um telefone que nunca se atende: a mesa do meu chefe.
Alegria na cidade: voltou o filho mais famoso!
Sangue, revolta, crimes, intervenções acaloradas dos apresentadores: o programa preferido de minha avó.

Ocorrência antes de invocação nas correspondências. Exemplos:
Prezado Senhor:
Estimado cliente:
Senhor Presidente:
Mamãe:
Caro Vieirinha:

Ocorrência depois de **exemplo, nota, observação**. Exemplos:
Obs.: Todos devem chegar às 20h.
Nota: Os itens acima elencados estarão disponíveis a partir do dia 30 deste mês.
Ex.: zero, onze e dezoito.

Ocorrência depois de **a saber, tais como, por exemplo**. Exemplos:
Todos chegaram: o presidente, os dois secretários, o tesoureiro.
Tem um segredo: não dorme sem olhar embaixo da cama.

8. ASPAS

(“ ”) Ocorrência no início e no final das transcrições. Exemplos:
Napoleão disse: “Homens há que governariam o mundo se governassem seus estômagos”.
Jesus afirmou: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.
O professor perguntou: “Vocês confirmam a ida a São Paulo?”
Mamãe perguntou: “É sério mesmo?”

<u>Observação:</u>
As aspas aparecem após a pontuação final apenas quando compreendem o período todo. Exemplo:
“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” Lembremo-nos sempre dessas palavras de Jesus.
“Homens há que governariam o mundo se governassem seus estômagos.” Napoleão em seu momento terapeuta holístico.

Destaque para palavras ou expressões nos enunciados de regras. Exemplo:
Segundo a Norma Culta de Linguagem, usa-se o pronome “eu” apenas como sujeito.

Indicam estrangeirismos, arcaísmos, gírias e outros. Exemplos:
Ele é o “must” do momento.
A “darling” da sala faltou hoje.
Sempre diz que Fabiano é seu “truta”.

Observação:
Nesses casos, as expressões podem ser sublinhadas ou aparecer em itálico, o que dispensa o uso das aspas. Exemplos:
Ele é o must do momento.
A darling da sala faltou hoje.
Sempre diz que Fabiano é seu truta.

Ele é o *must* do momento.
A *darling* da sala faltou hoje.
Sempre diz que Fabiano é seu *truta*.

Destaque para palavras ou expressões empregadas em sentido irônico. Exemplos:
Sim, ela é bastante “comprometida”. Faltou a todos os ensaios.
Ele, de fato, é “elegante”. Por isso ninguém gosta de jantar em sua casa.

Destaque para títulos de obras. Exemplos:
José Saramago é autor de “Todos os Nomes”.
Camões escreveu “Os Lusíadas”.
Drummond é autor de “Brejo das Almas”.

9. RETICÊNCIAS

(...) Índice de interrupção ou suspensão por efeito de surpresa, emoção, hesitação etc. Exemplos:
Mais uma vez...
Eu... na verdade... minha mãe e eu... pediríamos a gentileza de não fazer barulho.
Novamente ele deixou de concretizar seus sonhos...
Sim... talvez... preciso repensar...

Realce de próxima palavra ou expressão. Exemplos:
Ele fará o exercício ou... pagará para alguém fazer?
Traje completo ou... bermuda?
Vencer ou... vencer!

Índice de interrupção por ironia (caberá ao leitor a continuação óbvia da sentença). Exemplos:
Ele veio, já ela...
Sempre soube, mas daí a resolver a questão...
Nós entregamos tudo em dia, já o pessoal do setor B...

Índice de supressão de palavras numa transcrição. Exemplos:
Conforme dizia minha avó, "Para bom entendedor...".
Não lhe disse, Marcelo? "Dize-me com quem andas...".
Você sabe: "... neste vale de lágrimas...". É aqui mesmo, nesta empresa!

Observação:
As reticências podem vir entre parênteses, em especial em virtude do tamanho do trecho suprimido. Exemplo:
O Estatuto da Associação reza: "Todos os membros do colegiado devem: (a) comparecer às reuniões ou enviar suplentes; (...) (j) assinar as atas das reuniões até o prazo limite estabelecido pelo próprio colegiado".

10. PARÊNTESES E COLCHETES

PARÊNTESES

( ) Separação da intercalação de comentário ou explicação. Exemplos:
O relatório apresentado pelo Gouveia (o Macedo estava ausente) é muito prolixo.
Os cadernos (em sua maioria intactos) estavam sobre a mesa.

Separação da indicação da fonte de transcrição. Exemplos:
"Abertas as inscrições para novos cargos municipais." (O Cidadão)
"Prefeitura justifica aumento de impostos." (Cidade em Foco)

Separação de siglas após o nome completo. Exemplos:
A Organização das Nações Unidas (ONU) deve pronunciar-se ainda hoje.
A Associação Piracicaba de Teatro (Apite!) formou seu novo colegiado.

Separação de números, letras, em relação de itens, e asterisco. Exemplos:
(4), (5), (c), (d), (*).

<u>Observação:</u>
Quando houver deslocamento para a linha seguinte, basta usar o segundo parêntese. Exemplos:

1)
2)
3)
4)
5)

a)
b)
c)
d)

Separação do latinismo *sic*. Exemplos
Inscreveram-se para o curso cinco mil pessoas (*sic*).
O prefeito declarou: "O próprio papa Bento XVII (*sic*) me escrever a carta."
O morador perguntou ao prefeito: "E as nossa muié (*sic*), sem médico no posto?"

<u>Observação:</u>
O ponto aparece após o segundo parêntese, a não ser que um período inteiro esteja entre parênteses. Exemplos
Todos concordaram com a ata. (Ninguém se atreveu a contrariar Antenor.)

COLCHETES

[ ] Transcrição de texto alheio em que o autor insere observações próprias. Exemplo:
Carlos Mendonça afirma que "a felicidade não é possível [oh infeliz!], mas a vida é suportável!"

Isolamento de construção já separada por parênteses. Exemplo:
Carlos Mendonça afirma que "a felicidade não é possível [quanta amargura! (linha 23)], mas a vida é suportável!"

Inclusão, em referência bibliográfica entre parênteses, de indicação que não conste da obra citada. Exemplo:
(BASTOS, Heitor. O Rio Antigo. São Paulo: Espaço Múltiplo [1989]).

Observação:
Em edições críticas usam-se os colchetes para indicar elementos a serem introduzidos no texto, enquanto os parênteses indicam os que devem ser eliminados. São também utilizados em transcrições fonéticas.

SIC
A expressão sem latim sic confirma o que pode parecer exagerado e/ou improvável, como também aponta informações equivocadas ou variantes linguísticas não afinadas com a Norma Culta de Linguagem.

11. TRAVESSÃO

(–) Ocorrência dupla para destaque de palavra ou expressão. Exemplos:
Todos – em especial os mais velhos – discordaram.
Os meninos – inclusive os que nunca haviam faltado – não fizeram o exercício.
As crianças – ao menos as minhas – gostam de Teatro.
Os brinquedos – principalmente os importados – são muito caros.

Ocorrência em diálogos, antes da fala do interlocutor, e depois dela, como índice de identificação de quem falou.
Exemplos:

– Vamos?
– Não posso – respondeu a mãe. – Que tal amanhã?
– Não sei...
– Decida e me diga.
– Preciso pensar – disse ele. – Hoje seria melhor...

Ligação de palavras ou conjunto de palavras indicando início e fim de percurso, trajeto etc. Exemplos:
Ponte Rio–Niterói.
Conexão Paris–Londres.
Ônibus Piracicaba–São Paulo.
Vim pela Mogi–Bertioga.

Ocorrência dupla para facilitar a leitura no caso de um trecho longo se intercalar em outro. Exemplo:
Compramos um pouco de farinha – nem sabíamos se tínhamos dinheiro para tanto –, para fazer farofa de dendê.

12. EXERCÍCIOS

1. O coração é o nosso jardim e, junto com cada ação existe uma intenção que é plantada como uma semente podemos usar uma faca afiada para cortar alguém se a nossa intenção é ferir seremos um assassino podemos executar uma ação quase idêntica mas se somos um cirurgião nossa intenção é curar e salvar vidas a ação é a mesma no entanto dependendo de seu propósito ou intenção tanto poderá ser um ato terrível quanto um ato de compaixão
(BARBOSA JÚNIOR, Ademir. Segredos para o Vestibulando – do CDF ao ZEN. São Paulo: Panda, 2003, p. 89).

2. Imagine um náufrago faminto numa ilha deserta sem coqueiros e com apenas uma nascente de água doce suponha ainda que o referido náufrago tenha conseguido salvar alguns mantimentos latas e latas de atum sardinha milho ervilha e até

molho de tomate detalhe sem abridor de latas faca canivete suíço ou mesmo pedra pontiaguda
Quando se conectam à internet muitos usuários se sentem exatamente como o náufrago acima muitas latas nenhum instrumento para abri-las a angústia em encontrar toneladas de dados on-line produz o que terapeutas chamam de estresse da informação como evitá-lo e ao mesmo tempo otimizar o uso da internet
(BARBOSA JÚNIOR, Ademir. Segredos para o Vestibulando – do CDF ao ZEN. São Paulo: Panda, 2003, p. 37).

3. O panteão das tradições antigas resultou na interação dos dois princípios cósmicos universais: o masculino representado pelo Pai Céu e o feminino personificado pela Mãe Terra o casamento sagrado desses polos gerou formas energéticas secundárias polarizadas pela influência das forças telúricas cósmicas planetárias e dos fenômenos da Natureza quando modeladas pela egrégora mental de um conjunto racial tribal ou grupal essas energias se manifestam como arquétipos divinos imbuídos de características e atributos específicos e com apresentações e nomes que variam conforme o lugar de origem
A existência e a sobrevivência dos arquétipos de determinado panteão dependem da intensidade com que são cultuados e da duração desse culto sem essa conexão e nutrição recíproca as matrizes etéreas enfraquecem-se e acabam desaparecendo com o passar do tempo
Apesar de as divindades dependerem da egrégora humana elas não são mero fruto de nossa imaginação são expressões reais de poderosos campos energéticos e vórtices de energia cósmica elas existem em uma realidade diferente do mundo tridimensional chamada pelos xamãs de nagual ou realidade incomum (ou extrafísica) e têm o poder de existir e agir independentemente da vontade humana
Esses centros de energia cósmica, sutis e inteligentes denominados **divindades** (sejam elas deuses vibrações originais devas ou orixás) supervisionam o livre-arbítrio coletivo e auxiliam nas decisões toadas pelos indivíduos dentro dos limites valores e regras do ambiente ao qual pertencem isso significa que elas não interferem no livre-arbítrio nem agem contra os interesses do agrupamento humano que as criou e que continua alimentando-

as por meio de invocações oferendas cultos e rituais existe uma necessidade de intercâmbio energético permanente entre a origem e o resultado da criação, entre o criador e a criatura
Uma divindade deixará de existir apenas quando não tiver mais nenhum ser humano que invoque sua presença ou acredite em sua existência quando isso ocorrer o capo energético por ela representado não se extingue no espaço mas se desloca ou volta à sua origem podendo servir como substrato para a criação de um novo arquétipo, em lugar ou tempo diferente.
Os deuses e as deusas não são arquétipos estáticos eles evoluem e se modificam de acordo com o progresso cultural e tecnológico e a trajetória espiritual humana as mudanças na percepção e interpretação de suas manifestações e a compreensão expandida de seus atributos e funções levam à readaptação dos mitos e a sua adaptação às novas necessidades mentais psicológicas e sociais da comunidade à qual pertencem são as projeções e as formas mentais humanas que determinam a metamorfose das divindades que acompanham de maneira simbiótica o desenvolvimento de seu povo e o surgimento de novos valores e hábitos comportamentais morais e sociais compreende-se assim o porquê das diferenças nos mitos de um mesmo deus ou deusa e os variados nomes a eles atribuídos
(Mirella Faur. Mistérios Nórdicos, pp. 53-54, citado em BARBOSA JÚNIOR, Ademir. xirê: orikais – canto de amor aos orixás. São Paulo: Limão Doce, 2010, pp. 9-10).

4. Veja leitor o quanto se dissipam falsos mistérios criados pelas descrições apenas verbais quando se começa a *ver* o que está acontecendo a ver o que está sendo mostrado *por um e pelo outro* que segundo se diz estão apenas conversando ora
Veja também como o que você mostra com as palavras exerce influência sobre o outro de tal forma que você é tão responsável como ele pelo que está acontecendo e não só pelo que está sendo dito
Conclusão preciosa *nunca* alguém será o único culpado por uma briga ou um desastre psicológico nem por horas de felicidade
O que está acontecendo é uma dança muito bem combinada ou não de movimentos olhares gestos e sons
Hoje se demonstra com gravação direta o quanto essa dança é real

Sempre que você está se entendendo bem com alguém *ele* dança faz gestos e caras ao som e ritmo da música de *sua* voz o mesmo vale para você quando for a vez dele caso contrário se não estiverem ambos dançando ficarão falando sozinhos não estará havendo troca de ideias ou do que quer que seja estarão ambos aborrecendo um ao outro talvez esteja ocorrendo apenas uma troca de tédio ou de ansiedade ainda assim a ansiedade só o atingirá se você entrar na dança dele
(...)
(GAIARSA, José A. Gaiarsa. O Olhar. 2 ed., São Paulo: Editora Gente, 2002, pp. 51-52)

5. Abby Sunderland nasceu na Califórnia em outubro 1993 a família vivia num barco ao longo da costa do Pacífico
O irmão mais velho de Abby Zac aos 17 anos tornou-se o mais jovem velejador a circum-navegar a Terra sozinho o recorde de Zac não resistiu muito tempo logo Michael Perham um adolescente inglês um ano mais jovem que Zac completou sua volta solitária ao mundo note-se que Perham aos 14 anos já tinha atravessado o Atlântico sozinho
Abby também desde seus 13 anos, sonhava em circum-navegar a Terra no começo deste ano aos 16 sozinha ela largou as amarras de seu veleiro de 12 metros e desceu o Pacífico Sul Passou o Cabo Horn atravessou o Atlântico e passou o Cabo de Boa Esperança lançando-se no Oceano Índico entre a África e a Austrália Abby encontrou uma tempestade à qual o mastro de seu barco não resistiu no sábado passado depois de dois dias à deriva num mar infernal, ela foi resgatada
Pela internet afora e na imprensa dos EUA os pais de Abby estão sendo criticados por um coro indignado como vocês puderam deixar uma menina de 16 anos errar sozinha pelo mar e pelos portos fora tsunamis e tempestades o que dizer dos meses insones espreitando o mar e o vento a cada meia hora da solidão do trabalho incessante do frio do desconforto de uma navegação solitária ao redor do mundo e os piratas ao sul da Malásia por qual permissividade maluca vocês aceitaram que Abby se lançasse numa aventura que seria arriscada para gente grande
já a bordo do barco que a resgatou Abby escreveu no seu blog há uma quantidade de coisas que as pessoas podem estar a fim de culpar pela minha situação: minha idade a época do ano e

muito mais a verdade é que passei por uma tempestade e você não navega pelo Oceano Índico sem entrar em no mínimo uma tempestade não foi a época do ano foi apenas uma tempestade do Oceano Sul as tempestades fazem parte do pacote quando você veleja ao redor do mundo no que concerne à idade, desde quando a mocidade do velejador cria ondas gigantescas

se você duvida que Abby tivesse a maturidade necessária para sua empreitada leia o diário da viagem (www.soloround.blogspot.com) sobretudo as notas de Abby durante a interminável navegação no Atlântico Sul

Os que censuram os pais de Abby afirmam que nunca autorizariam seus rebentos a velejar sozinhos ao redor do mundo porque aos tais rebentos falta seriedade e falta experiência eles devem ter razão -afinal, eles conhecem seus filhos mas cabe perguntar essa falta de seriedade e experiência é efeito de quê da simples juventude duvido La Pérouse o navegador francês aos 17 anos em 1758 já estava combatendo os ingleses ao largo de Terra Nova então efeito de quê

Pois é provavelmente os mesmos pais que se indignam com a irresponsabilidade dos genitores de Abby permitem a seus filho mais jovens que Abby de sair em baladas nas quais os únicos adultos são os que vendem drogas e bebidas

Será que a volta para casa de madrugada num carro dirigido por amigos exaustos exaltados ou sonolentos é menos perigosa do que a circum-navegação do mundo num veleiro pilotado por Abby animada há anos por um desejo intenso e focado e de qualquer forma, qual das duas experiências você prefere para seus filhos

O fato é que muitos pais preferem que os filhos errem como baratas tontas, de festinha em festinha por quê simples assim os filhos ficam infinitamente mais dependentes

E os pais modernos em regra querem os filhos por perto; eles adoram que os filhos demonstrem que eles não são suficientemente maduros para sair pelo mundo e para correr os riscos que o desejo acarreta

Não deveríamos nos perguntar qual é a loucura dos pais que empurraram Zac Abby e Michael mar adentro mas qual é a loucura dos pais que preferem largar seus filhos nas noites em que vodca cerveja maconha ecstasy e papo furado servem para convencer os próprios adolescentes de que ainda não começaram

a viver e portanto vão precisar dos adultos por muito tempo
Comentando a aventura de Abby um pai me disse nunca deixaria minha filha navegar sozinha eu não quero perdê-la pois é não quero perdê-la em que sentido
(Contardo Calligaris. http://contardocalligaris.blogspot.com/2010/06/os-adolescentes-que-merecemos.html)

6. Se me lembro direito 20 anos atrás era frequente participar de conversas animadas em que se discutia a questão seguinte devemos ou não deixar nossos filhos e nossas filhas adolescentes dormir em casa com suas namoradas ou seus namorados
Aparentemente o partido do sim ganhou em geral a razão que ele invocava e ainda invoca era a segurança é melhor que minha filha esteja no seu quarto com o namorado do que em baladas perigosas ou pior ainda brincando no carro numa rua deserta também contava o fato comprovado de que um namoro é quase sempre uma experiência mais rica e mais madura do que a agitação das turminhas
Naquelas conversas dos anos 80 eu ficava em cima do muro e torcia de leve pelo partido do não achava problemático que os adolescentes tivessem uma espécie de vida conjugal sem ter conquistado sua autonomia para juntar-se com um parceiro ou uma parceira a ponto de dormir na mesma cama com ele ou com ela a cada noite ou quase seria melhor primeiro não precisar mais se definir como filho ou filha
Continuo pensando que eu tinha um pouco de razão prova disso os inúmeros casamentos em que um dos membros do casal se queixa de que o outro continua sendo mais filho ou filha do que marido ou mulher
Mais um detalhe frequentemente a conjugalidade precoce e protegida de dois adolescentes na casa dos pais é uma caricatura da conjugalidade adulta menos interessante consiste mais em assistir na cama a filmes alugados do que em sair juntos pelo mundo ou mesmo em praticar a arte difícil de se descobrir mutuamente
Seja como for o partido do sim ganhou sobretudo por uma razão que não se confunde com as justificações habitualmente propostas
Acontece que nas últimas décadas pela frequência dos divórcios a metade dos jovens viveram sua adolescência em companhia de

apenas um de seus pais e muitos desse jovens foram espectadores assíduos e às vezes até confidentes do folhetim das aventuras e dos namoros de sua mãe ou de seu pai
E claro com que moral o pai ou a mãe divorciados proibiriam o filho ou a filha de levar seus amores para casa se eles mesmos não fazem diferente essa grande mudança na vida familiar teve dois efeitos significativos e a bem dizer positivos
O primeiro é que os adultos começaram a levar mais a sério a vida amorosa de seus filhos adolescentes as brincadeiras condescendentes o detestável e aí, tem namorado acabaram ou quase
O segundo efeito aparece agora 20 anos depois à força de conviver com os namoros os namoricos e as decepções em suma com as alegrias e as tristezas das paixões de seus pais divorciados os adolescentes abandonaram a ideia frequente em minha geração de que a vida amorosa e sexual dos adultos seria uma mesmice comportada que aliás no caso dos pais teria acabado de vez depois da troca mínima que foi necessária para que eles os filhos, fossem concebidos
Os adolescentes que tiveram essa experiência são agora jovens adultos e seus pais são idosos apesar da valorização cultural do corpo jovem e sarado como se fosse o único desejável e capaz de desejar é lógico que esses jovens adultos estejam dispostos a reconhecer que a terceira idade não corresponde a nenhuma aposentadoria do amor e do sexo ou melhor ainda que ela não corresponde a nenhuma maturidade das paixões os idosos amam e desejam com o mesmo transporte e a mesma ingenuidade dos adolescentes e claro dos ditos adultos
De repente hoje não é ridículo ter 60 anos ou mais e propor um perfil num site de encontros amorosos na internet não é ridículo aos 60 ou mais querer uma companhia para o resto da vida um amor ou mesmo apenas uma transa
O bonito filme de Laís Bodanzky Chega de Saudade que estreou na semana passada nos leva para um baile há muitos assim pelo país afora em que homens e mulheres da terceira idade se procuram e dançam a cada semana
Estamos aprendendo aos poucos:a grandeza e a mesquinhez do amor e do desejo não têm estação
Mas não é apenas por isso que o filme é tocante é porque no baile na pista de dança o enlace do parceiro ou da parceira revela que estes corpos que talvez tenham chegado mancando endurecidos

pela idade e de pés inchados são corpos bonitos eróticos vivos
(Contardo Calligaris. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2703200837.htm)

7. O assunto é bem diferente para a criança em primeiro lugar ela não encontra alívio para as dores do ciúme numa relação boa como a que os pais podem ter entre eles em segundo lugar todas as crianças têm ciúmes senão dos pais então dos privilégios que eles gozam como adultos quando o cuidado terno e amoroso do pai do mesmo sexo não é bastante forte para formar laços positivos mais importantes com a criança edípica naturalmente ciumenta e com isso colocar o processo de identificação trabalhando contra esse ciúme então este domina a vida emocional da criança como uma madrasta mãe narcisista é uma figura inadequada para se relacionar ou se identificar com Branca de Neve se esta fosse uma criança real não poderia deixar de ter intensos ciúmes da mãe e de todas suas vantagens e poderes
(BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 243. Tradução: Arlene Caetano.)

8. A criança entende que o crescimento fantástico das sementes simples mas mágicas durante a noite é um símbolo do poder milagroso e das satisfações ocasionadas pelo desenvolvimento sexual de João a fase fálica substitui a oral o pé-de-feijão substitui Leiteira Branca por este pé-de-feijão a criança subirá às alturas para conquistar uma existência superior
(BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 227. Tradução: Arlene Caetano.)

RESPOSTAS

Há outras possibilidades de pontuar os textos, contudo apresentamos aquelas utilizadas originalmente (em termos linguísticos, houve apenas uma ou outra alteração no texto original a fim de substituir alguma escolha que diferisse da Norma Culta de Linguagem, padrão dos textos selecionados). Em caso de aspas du-

plas, as mesmas foram substituídas pelas aspas simples, ficando as duplas para o conjunto de cada texto.
No caso do texto 4, há parênteses ao final do mesmo porque houve um corte no parágrafo/na conclusão do fragmento citado.
1. “O coração é o nosso jardim e, junto com cada ação, existe uma intenção que é plantada como uma semente. Podemos usar uma faca afiada para cortar alguém: se a nossa intenção é ferir, seremos um assassino. Podemos executar uma ação quase idêntica, mas, se somos um cirurgião, nossa intenção é curar e salvar vidas. A ação é a mesma: no entanto, dependendo de seu propósito ou intenção, tanto poderá ser um ato terrível quanto um ato de compaixão.”

2. “Imagine um náufrago faminto numa ilha deserta, sem coqueiros e com apenas uma nascente de água doce. Suponha ainda que o referido náufrago tenha conseguido salvar alguns mantimentos. Latas e latas de atum, sardinha, milho, ervilha e até molho de tomate. Detalhe: sem abridor de latas, faca, canivete suíço ou mesmo pedra pontiaguda.
Quando se conectam à internet, muitos usuários se sentem exatamente como o náufrago acima. Muitas latas, nenhum instrumento para abri-las. A angústia em encontrar toneladas de dados *on-line* produz o que terapeutas chamam de estresse da informação. Como evitá-lo e ao mesmo tempo otimizar o uso da internet?”

3. “O panteão das tradições antigas resultou na interação dos dois princípios cósmicos universais: o masculino, representado pelo Pai Céu, e o feminino, personificado pela Mãe Terra. O casamento sagrado desses polos gerou formas energéticas secundárias, polarizadas pela influência das forças telúricas, cósmicas, planetárias e dos fenômenos da Natureza. Quando modeladas pela egrégora mental de um conjunto racial, tribal ou grupal, essas energias se manifestam como arquétipos divinos, imbuídos de características e atributos específicos e com apresentações e nomes que variam conforme o lugar de origem. A existência e a sobrevivência dos arquétipos de determinado

panteão dependem da intensidade com que são cultuados e da duração desse culto. Sem essa conexão e nutrição recíproca, as matrizes etéreas enfraquecem-se e acabam desaparecendo com o passar do tempo.

Apesar de as divindades dependerem da egrégora humana, elas não são mero fruto de nossa imaginação: são expressões reais de poderosos campos energéticos e vórtices de energia cósmica. Elas existem em uma realidade diferente do mundo tridimensional, chamada pelos xamãs de nagual ou "realidade incomum" (ou extrafísica), e têm o poder de existir e agir independentemente da vontade humana.

Essescentrosdeenergiacósmica,sutiseinteligentes,denominados **divindades** (sejam elas deuses, vibrações originais, devas ou orixás), supervisionam o livre-arbítrio coletivo e auxiliam nas decisões toadas pelos indivíduos, dentro dos limites, valores e regras do ambiente ao qual pertencem. Isso significa que elas não interferem no livre-arbítrio, nem agem contra os interesses do agrupamento humano que as "criou" e que continua "alimentando-as" por meio de invocações, oferendas, cultos e rituais. Existe uma necessidade de intercâmbio energético permanente entre a origem e o resultado da criação, entre o criador e a criatura.

Uma divindade deixará de existir apenas quando não tiver mais nenhum ser humano que invoque sua presença ou acredite em sua existência. Quando isso ocorrer, o capo energético por ela representado não se extingue no espaço, mas se desloca ou volta à sua origem, podendo servir como substrato para a criação de um novo arquétipo, em lugar ou tempo diferente.

Os deuses e as deusas não são arquétipos estáticos, eles evoluem e se modificam de acordo com o progresso cultural e tecnológico e a trajetória espiritual humana. As mudanças na percepção e interpretação de suas manifestações e a compreensão expandida de seus atributos e funções levam à readaptação dos mitos e a sua adaptação às novas necessidades mentais, psicológicas e sociais da comunidade à qual pertencem. São as projeções e as formas mentais humanas que determinam a "metamorfose" das divindades, que acompanham, de maneira simbiótica, o desenvolvimento de seu povo e o surgimento de novos valores e hábitos comportamentais, morais e sociais. Compreende-se,

assim, o porquê das diferenças nos mitos de um mesmo deus ou deusa e os variados nomes a eles atribuídos."

4. "Veja, leitor, o quanto se dissipam falsos mistérios, criados pelas descrições apenas verbais, quando se começa a *ver* o que está acontecendo. A ver o que está sendo mostrado *por um e pelo outro*, que, segundo se diz, estão 'apenas' conversando, ora...
Veja, também, como o que você mostra com as palavras exerce influência sobre o outro, de tal forma que você é tão responsável como ele pelo que está acontecendo, e não só pelo que está sendo dito.
Conclusão preciosa: *nunca* alguém será o único culpado por uma briga – ou um desastre psicológico. Nem por horas de felicidade...
O que está acontecendo é uma dança muito bem combinada (ou não!) de movimentos, olhares, gestos – e sons.
Hoje se demonstra, com gravação direta, o quanto essa dança é real.
Sempre que você está se entendendo bem com alguém, *ele* dança – faz gestos e caras – ao som e ritmo da música de *sua* voz. O mesmo vale para você, quando for a vez dele. Caso contrário, se não estiverem ambos dançando, ficarão falando sozinhos, não estará havendo 'troca de ideias' (ou do que quer que seja). Estarão ambos aborrecendo um ao outro... Talvez esteja ocorrendo apenas uma troca de tédio, ou de ansiedade! Ainda assim, a ansiedade só o atingirá se você 'entrar na dança' dele.
(...)"

5. "Abby Sunderland nasceu na Califórnia, em outubro 1993. A família vivia num barco, ao longo da costa do Pacífico.
O irmão mais velho de Abby, Zac, aos 17 anos, tornou-se o mais jovem velejador a circum-navegar a Terra sozinho. O recorde de Zac não resistiu muito tempo: logo, Michael Perham, um adolescente inglês um ano mais jovem que Zac, completou sua volta solitária ao mundo. Note-se que Perham, aos 14 anos, já tinha atravessado o Atlântico sozinho.
Abby também, desde seus 13 anos, sonhava em circum-navegar a Terra. No começo deste ano, aos 16, sozinha, ela largou as amarras de seu veleiro de 12 metros e desceu o Pacífico Sul. Passou o Cabo Horn, atravessou o Atlântico e passou o Cabo de

Boa Esperança, lançando-se no Oceano Índico. Entre a África e a Austrália, Abby encontrou uma tempestade à qual o mastro de seu barco não resistiu. No sábado passado, depois de dois dias à deriva num mar infernal, ela foi resgatada.

Pela internet afora e na imprensa dos EUA, os pais de Abby estão sendo criticados por um coro indignado: como vocês puderam deixar uma menina de 16 anos errar sozinha pelo mar e pelos portos? Fora tsunamis e tempestades, o que dizer dos meses insones espreitando o mar e o vento a cada meia hora, da solidão, do trabalho incessante, do frio, do desconforto de uma navegação solitária ao redor do mundo? E os piratas ao sul da Malásia? Por qual permissividade maluca vocês aceitaram que Abby se lançasse numa aventura que seria arriscada para gente grande?

Já a bordo do barco que a resgatou, Abby escreveu no seu blog: 'Há uma quantidade de coisas que as pessoas podem estar a fim de culpar pela minha situação: minha idade, a época do ano e muito mais. A verdade é que passei por uma tempestade, e você não navega pelo Oceano Índico sem entrar em, no mínimo, uma tempestade. Não foi a época do ano, foi apenas uma tempestade do Oceano Sul. As tempestades fazem parte do pacote quando você veleja ao redor do mundo. No que concerne à idade, desde quando a mocidade do velejador cria ondas gigantescas?'.

Se você duvida que Abby tivesse a maturidade necessária para sua empreitada, leia o diário da viagem (www.soloround.blogspot.com) – sobretudo as notas de Abby durante a interminável navegação no Atlântico Sul.

Os que censuram os pais de Abby afirmam que nunca autorizariam seus rebentos a velejar sozinhos ao redor do mundo porque, aos tais rebentos, falta seriedade e falta experiência. Eles devem ter razão – afinal, eles conhecem seus filhos. Mas cabe perguntar: essa falta de seriedade e experiência é efeito de quê? Da simples juventude? Duvido: La Pérouse, o navegador francês, aos 17 anos, em 1758, já estava combatendo os ingleses ao largo de Terra Nova. Então, efeito de quê?

Pois é, provavelmente, os mesmos pais que se indignam com a 'irresponsabilidade' dos genitores de Abby permitem a seus filhos, mais jovens que Abby, de sair em baladas nas quais os únicos adultos são os que vendem drogas e bebidas.

Será que a volta para casa de madrugada, num carro dirigido

por amigos exaustos, exaltados ou sonolentos, é menos perigosa do que a circum-navegação do mundo num veleiro pilotado por Abby, animada há anos por um desejo intenso e focado? E, de qualquer forma, qual das duas experiências você prefere para seus filhos?
O fato é que muitos pais preferem que os filhos errem como baratas tontas, de festinha em festinha. Por quê? Simples: assim, os filhos ficam infinitamente mais dependentes.
E os pais modernos, em regra, querem os filhos por perto; eles adoram que os filhos demonstrem que eles não são suficientemente maduros para sair pelo mundo e para correr os riscos que o desejo acarreta.
Não deveríamos nos perguntar qual é a loucura dos pais que empurraram Zac, Abby e Michael mar adentro, mas qual é a loucura dos pais que preferem largar seus filhos nas noites, em que vodca, cerveja, maconha, ecstasy e papo furado servem para convencer os próprios adolescentes de que ainda não começaram a viver e, portanto, vão precisar dos adultos por muito tempo.
Comentando a aventura de Abby, um pai me disse: 'Nunca deixaria minha filha navegar sozinha, eu não quero perdê-la'. Pois é, 'não quero perdê-la' em que sentido?"

6. "Se me lembro direito, 20 anos atrás era frequente participar de conversas animadas em que se discutia a questão seguinte: devemos ou não deixar nossos filhos e nossas filhas adolescentes dormir em casa com suas namoradas ou seus namorados?
Aparentemente, o partido do sim ganhou. Em geral, a razão que ele invocava (e ainda invoca) era a segurança: é melhor que minha filha esteja no seu quarto com o namorado do que em baladas perigosas ou, pior ainda, 'brincando' no carro numa rua deserta. Também contava o fato, comprovado, de que um namoro é quase sempre uma experiência mais rica e mais 'madura' do que a agitação das turminhas.
Naquelas conversas dos anos 80, eu ficava em cima do muro e torcia, de leve, pelo partido do não. Achava problemático que os adolescentes tivessem uma espécie de vida conjugal sem ter conquistado sua autonomia: para juntar-se com um parceiro ou uma parceira (a ponto de dormir na mesma cama com ele ou com ela a cada noite ou quase) seria melhor, primeiro, não precisar mais se definir como filho ou filha.

Continuo pensando que eu tinha um pouco de razão: prova disso, os inúmeros casamentos em que um dos membros do casal se queixa de que o outro continua sendo mais filho ou filha do que marido ou mulher.
Mais um detalhe. Frequentemente, a conjugalidade precoce e protegida de dois adolescentes na casa dos pais é uma caricatura da conjugalidade adulta menos interessante: consiste mais em assistir, na cama, a filmes alugados do que em sair juntos pelo mundo ou mesmo em praticar a arte difícil de se descobrir mutuamente.
Seja como for, o partido do sim ganhou sobretudo por uma razão que não se confunde com as justificações habitualmente propostas.
Acontece que, nas últimas décadas, pela frequência dos divórcios, a metade dos jovens viveram sua adolescência em companhia de apenas um de seus pais. E muitos desse jovens foram espectadores assíduos (e, às vezes, até confidentes) do folhetim das aventuras e dos namoros de sua mãe ou de seu pai.
E, claro, com que moral o pai ou a mãe divorciados proibiriam o filho ou a filha de levar seus amores para casa se eles mesmos não fazem diferente? Essa grande mudança na vida familiar teve dois efeitos significativos e, a bem dizer, positivos.
O primeiro é que os adultos começaram a levar mais a sério a vida amorosa de seus filhos adolescentes: as brincadeiras condescendentes (o detestável 'e aí, tem namorado?') acabaram ou quase.
O segundo efeito aparece agora, 20 anos depois: à força de conviver com os namoros, os namoricos e as decepções, em suma, com as alegrias e as tristezas das paixões de seus pais divorciados, os adolescentes abandonaram a ideia (frequente em minha geração) de que a vida amorosa e sexual dos adultos seria uma mesmice comportada – que, aliás, no caso dos pais, teria acabado de vez depois da troca mínima que foi necessária para que eles, os filhos, fossem concebidos.
Os adolescentes que tiveram essa experiência são agora jovens adultos, e seus pais são idosos. Apesar da valorização cultural do corpo jovem e sarado como se fosse o único desejável e capaz de desejar, é lógico que esses jovens adultos estejam dispostos a reconhecer que a terceira idade não corresponde a nenhuma aposentadoria do amor e do sexo, ou melhor ainda,

que ela não corresponde a nenhuma 'maturidade' das paixões: os 'idosos' amam e desejam com o mesmo transporte e a mesma ingenuidade dos adolescentes (e, claro, dos ditos adultos).
De repente, hoje, não é ridículo ter 60 anos ou mais e propor um perfil num site de encontros amorosos na internet; não é ridículo, aos 60 ou mais, querer uma companhia para o resto da vida, um amor ou mesmo apenas uma transa.
O bonito filme de Laís Bodanzky, 'Chega de Saudade', que estreou na semana passada, nos leva para um baile. Há muitos assim, pelo país afora, em que homens e mulheres da terceira idade se procuram e dançam a cada semana.
Estamos aprendendo, aos poucos: a grandeza (e a mesquinhez) do amor e do desejo não têm estação.
Mas não é apenas por isso que o filme é tocante: é porque no baile, na pista de dança, o enlace do parceiro ou da parceira revela que estes corpos, que talvez tenham chegado mancando, endurecidos pela idade e de pés inchados, são corpos bonitos, eróticos, vivos."

7. "O assunto é bem diferente para a criança. Em primeiro lugar, ela não encontra alívio para as dores do ciúme numa relação boa como a que os pais podem ter entre eles. Em segundo lugar, todas as crianças têm ciúmes, senão dos pais, então dos privilégios que eles gozam como adultos. Quando o cuidado terno e amoroso do pai do mesmo sexo não é bastante forte para formar laços positivos mais importantes com a criança edípica, naturalmente ciumenta, e com isso colocar o processo de identificação trabalhando contra esse ciúme, então este domina a vida emocional da criança. Como uma madrasta (mãe) narcisista é uma figura inadequada para se relacionar ou se identificar com Branca de Neve se esta fosse uma criança real não poderia deixar de ter intensos ciúmes da mãe e de todas suas vantagens e poderes."

8. "A criança entende que o crescimento fantástico das sementes simples mas mágicas durante a noite, é um símbolo do poder milagroso e das satisfações ocasionadas pelo desenvolvimento sexual de João: a fase fálica substitui a oral; o pé-de-feijão substitui Leiteira Branca. Por este pé-de-feijão a criança subirá às alturas para conquistar uma existência superior."

13. SIMULADO

1) Assinale a alternativa que contém os sinais de pontuação adequados à seguinte frase:

"Carlos todo domingo segue a mesma rotina praia futebol jantar em restaurante"

a) vírgula, vírgula, ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula, ponto
b) vírgula, vírgula, dois-pontos, vírgula, vírgula, ponto
c) vírgula, ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula, ponto
d) vírgula, dois-pontos, vírgula, vírgula, ponto
e) vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, vírgula, ponto

2) Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:

a) vírgula
b) ponto-e-vírgula
c) ponto-de-exclamação
d) aspas
e) reticência

3) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, não se obtém alteração de sentido:

a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos em julho os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

4) Dadas as sentenças:

I. Quase todos os habitantes daquela região pantanosa e longe da civilização
II. Pedra que rola não cria limo.
III. Muitas pessoas observavam com interesse, o eclipse solar.

a) apenas I está correta;
b) apenas II está correta;
c) apenas III está correta;
d) todas estão corretas;
e) n.d.a.

5) Observe as frases:

I. Ele foi, logo eu não fui.
II. O menino, disse ele, não vai.
III. Deus, que é Pai, não nos abandona.

a) em I há erro de pontuação;
b) em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro;
c) em I, se se mudar a vírgula de posição, muda-se o sentido da frase;
d) na II, faltam dois pontos depois de disse.
e) n.d.a.

6) Aponte a frase em que a vírgula foi mal empregada antes do "que":

a) "Depois dos pais, que recebem o nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos..." (J. M. Macedo)
b) "Sucede que o outro peixe, inocente da traição, vai passando desacautelado e o salteador, que está de emboscada dentro de seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente e fá-lo prisioneiro." (Vieira)
c) "Que admirável, que esplêndido pôr-de-sol."
d) "Parecia-nos, que o céu estava repleto de chamas..."

7) A pontuação é responsável pela mudança de sentido da frase em:

a) Vivo só, com um criado. / Vivo só com um criado.
b) Lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga rua de Matacavalos. / Lembrou-me reproduzir, no Engenho Novo, a casa em que me criei, na antiga rua de Matacavalos.
c) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. / O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar, na velhice, a adolescência.
d) Se só me faltassem os outros, vá. / Se só me faltassem os outros... vá.
e) Um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde. / Um homem consola-se, mais ou menos, das pessoas que perde.

8) A opção em que está correto o emprego do ponto-e-vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo; tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

9) Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:

Quando se trata de trabalho científico__duas coisas devem ser consideradas__uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece__a outra é o valor prático que possa ter.

a) dois-pontos, ponto-e-vírgula, ponto-e-vírgula
b) dois-pontos, vírgula, ponto-e-vírgula
c) vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula

d) ponto-e-vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula
e) ponto-e-vírgula, vírgula, vírgula

10) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou e – quanto... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou e – quanto! – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias – não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto – o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

GABARITO	
1	B
2	D
3	E
4	B
5	C
6	D
7	A
8	A
9	C
10	C